

A  
Megera  
damada



WILLIAM SHAKESPEARE

A  
megeira  
domada

TEXTO ADAPTADO POR  
JÚLIO EMÍLIO BRAZ



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Título original <i>The taming of the shrew</i>	Revisão Fernanda R. Braga Simon Agnaldo Alves
Texto William Shakespeare	Produção editorial e projeto gráfico Ciranda Cultural
Adaptação Júlio Emílio Braz	Ilustração de capa GeekClick/Shutterstock.com; wtf_design/Shutterstock.com;
Preparação Cristiana Gonzaga Souto Corrêa	Kamieshkova/Shutterstock.com; rudall30/Shutterstock.com

---

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

---

S527m Shakespeare, William  
A Megera Domada / William Shakespeare ; adaptado por Júlio Emílio Braz. - Jandira, SP : Principis, 2021.  
128 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Shakespeare, o bardo de Avon)  
Adaptação de: The Taming of the Shrew  
Inclui índice.  
ISBN: 978-65-5552-187-0

1. Literatura inglesa. 2. Comédia. I. Braz, Júlio Emílio. II. Título.  
III. Série.

2020-2554

CDD 823  
CDU 821.111

---

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa 823
2. Literatura inglesa 821.111

1ª edição em 2021

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

Prólogo.....	9
1 A história propriamente dita .....	19
1 .....	20
2 .....	26
2 Voltando à história e à cidade de Pádua.....	31
1 .....	32
2 .....	38
3 Confusões e artimanhas na honorável casa de Baptista Minola.....	41
1 .....	42
2 .....	50
4 Negociações matrimoniais e outros imbróglios românticos.....	55
1 .....	56
2 .....	59
5 Um casamento dos mais esquisitos.....	65
1 .....	66
2 .....	72

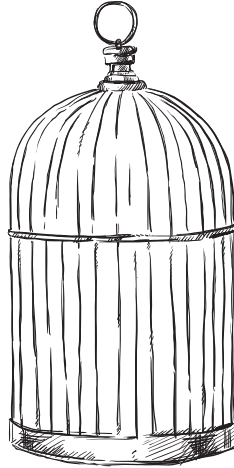
6	Loucos! .....	79
	1 .....	80
7	Dúvidas e penúria .....	87
	1 .....	88
	2 .....	92
	3 .....	102
8	Caminhos e descaminhos do coração .....	105
	1 .....	106
	2 .....	111
	3 .....	116
	4 .....	124
	Epílogo .....	128

Catarina, a megera! Belo apelido para uma donzela.

*A megera domada* – Ato I – Cena II







## PRÓLOGO

Antes da história de Catarina propriamente dita, o pretexto...

Noite fria e tediosa, o silêncio preguiçosamente nos arrasta para o derradeiro refúgio contra tanta monotonia, o pensamento e...

*Zás!*

A qualquer momento, um lampejo e novamente o tempo marchará, célere e interessado, para qualquer gesto ousado de desprendimento e ousadia, arremessando-nos ao eficaz antídoto contra a monotonia ou mesmo à solução de algum problema, indicando simplesmente nova direção para nossa existência.

Em contrapartida, triste fado são o tédio e a falta do que fazer que vitimam aqueles que, possuidores de certo poder, temidos ou obedecidos por força de tão abrangente benefício, na ausência ou necessidade de se entreter, atiram-se às maiores sandices capazes de promover e desembocar em situações realmente insólitas.

De que falo?

Quer saber?

Para quê? Por quê?

Acaso você está vitimado por semelhante apatia, nada tem a fazer ou, por isso, também ambiciona entreter-se com a desgraça alheia como o

fez o rubincudo e entediado lorde ao passar pela taberna de Mariana Hackett e se deparar com Christopher Sly e com a possibilidade de se divertir à custa do pobre coitado do caldeireiro beberrão de Wincot?

De minha parte, estou aqui para partilhar a mesma história que ouviram Sly e todos aqueles que se divertiram à custa dele.

Pobre Christopher Sly!

Mais uma noite à mercê da bebida e dos consequentes destemperos da bem-nutrida Mariana Hackett, a famigerada taberneira da igualmente sórdida e insignificante Wincot, a quem, por sinal, devia mais cervejas do que se podia lembrar (o que certamente não justificava a fúria iracunda com que ela diuturnamente se lançava sobre o pobre beberrão), mas que inescapavelmente bebera.

A discussão já se estendia fazia um bom tempo e em tudo se assemelhava aos inevitáveis becos sem saída em que se convertiam aquela confrontação barulhenta tão comum aos outros frequentadores da taberna.

– Eu quero o dinheiro por todos os copos que você quebrou, canalha!  
– ameaçou a taberneira, uma centelha de ódio incontido vitimando-o mais uma vez através das dobras de gordura do rosto rechonchudo e avermelhado.

Cada vez mais trôpego e cambaleante, oscilando ora em uma, ora em outra perna, Sly cuspiu na direção da mulher e replicou:

– Morda a língua, víbora balofa e malcheirosa! Veja como fala! Os Slys não são canalhas e chegaram a esta terra com o próprio Ricardo...

– Ricardo? Ricardo? Que Ricardo, sacripanta? Você está tão bêbado que não sabe de quem está falando...

– Como assim?

– Você chegou com Guilherme, o Conquistador... Não é o que vive dizendo por aí?

– Que seja! De qualquer forma...

– Não tenho o menor interesse em suas mentiras. Eu quero o dinheiro pelos copos que você quebrou!

- Pois não terás nem sequer um vintém!
- Se assim quiser, assim será. Vou chamar a sentinela...
- Sentinela! Sentinela! Se quiser, eu mesmo a convocarei.
- Atrevido!

Sly esparramou-se no chão lamacento a poucos metros da entrada da taberna e, sorrindo despreocupadamente, a cabeça apoiada nas mãos, dormiu depois de uns poucos minutos, prometendo:

- Eu vou esperar por ele... vou, sim... vou, sim...

Irritada, a taberneira o cutucou e mesmo o chutou, mas dormindo ele estava e dormindo ficou. Por fim, irritada, mas impotente, xingou-o e voltou para dentro da taberna, de lá saindo apenas algumas horas mais tarde, ao ouvir o soar de trompas e o tropel barulhento de cavalos se aproximando.

Um corpulento e hirsuto nobre cavalgava à frente do numeroso grupo de caçadores e criados, dois deles firmemente agarrados às correias que prendiam uma esfalfada matilha de cães, gritando ordens e multiplicando elogios aos atributos de alguns animais e recomendando cuidados extremos aos melhores.

– Excelência... – A taberneira inclinou o opulento busto em uma reverência respeitosa assim que ele refreou a montaria diante do estabelecimento dela.

Ele a encarou distraidamente, a atenção atraída para o corpo de Sly estirado junto à porta.

– Que vem a ser isso, mulher? Um morto ou um bêbado? – perguntou o nobre.

– Um pouco de ambos, meu senhor – respondeu ela, lançando um olhar de desprezo para Sly, antes de acrescentar: – E, além de tudo, um caloteiro!

O nobre gesticulou para um dos caçadores e ordenou:

- Veja se ele respira.

Foi prontamente atendido.

WILLIAM SHAKESPEARE

– Respira... mas fede!

– Bem o percebo. Fede e dorme como um porco!

– A vida de nada lhe serve! – resmungou a taberneira. – Um peso morto, isto é o que é! De nada serve, não...

Uma expressão astuciosa iluminou o rosto do nobre depois de gesticular para que se calasse.

– Não se precipite, mulher – disse. – Até o mais miserável dos homens pode prestar-se a alguma coisa neste mundo.

Caçadores e criados se entreolharam, e a perplexidade de todos era em tudo semelhante à da taberneira enquanto se achegava ao nobre para indagar:

– A que se refere, senhor?

O mais velho entre os caçadores virou-se e, lançando um sorriso malicioso para os companheiros, falou:

– Eu conheço muito bem esse olhar. Sua excelência está tendo uma de suas ideias...

O nobre apontou para Sly, que ressonava pesadamente, alheio a tudo e a todos, e pôs-se a divagar:

– E se puséssemos esse bêbado em uma cama bem confortável...

A taberneira pestanejou, confusa.

– Como disse, senhor?

– E indo mais além – prosseguiu o nobre, ajeitando-se na sela, entretido com as ideias que de um momento para o outro lhe vinham à mente –, se o cobríssemos com os lençóis mais preciosos e depois enchêssemos seus dedos com os melhores anéis que tenho e, por fim, lhe propiciássemos um grande banquete?

– Continue, meu senhor – apelou o velho caçador, interessado.

– Ele não abdicaria de sua condição de bêbado e mendigo?

– Que opção teria? – o velho caçador sorriu maldosamente.

– O espanto certamente o mataria – um dos mais jovens, às voltas com um galgo dos mais inquietos, juntou-se a ele.

O nobre exultou.

– Excelente! – regozijou-se. – Vejo que concordam comigo.

– Como não, meu senhor?

– Pois bem. Peguem esse traste e o levem imediatamente para o meu castelo. Deem-lhe um banho. Perfumem sua carcaça infecta e vistam-no com as minhas melhores roupas. Deitem-no na melhor cama do melhor quarto e cubram tudo a sua volta com o que houver na casa do bom e do melhor. Quadros, cortinas, móveis e, naturalmente, os criados sempre dispostos a atendê-lo em seus menores caprichos. Música! Quero músicos para tocar o que quer que ele queira ouvir. Tratem-no com respeito e cumulem-no de reverências e palavras gentis. Usem as palavras mais bem escolhidas e elogiem-no e a seu poder e riqueza, até ao ponto que ele pare de insistir que é Sly, o caldeireiro, e se submeta ao fato que incutiremos em sua cabeça de que é um nobre e dos mais ricos e poderosos.

– Vamos nos divertir à custa desse idiota? – perguntou, rindo a valer, o velho caçador.

– Se seguirem à risca o que estou dizendo, certamente – respondeu o nobre, disparando ordens a torto e a direito, instando até com impaciência para que caçadores e criados carregassem o corpo do sonolento Sly para sua rica propriedade. Quando fustigou o cavalo e se preparava para acompanhá-los, uma trompa soou na entrada da localidade, chamando a sua atenção. – Menino, vá ver do que se trata!

A taberneira achegou-se a ele e indagou:

– Vossa Alteza espera por alguém?

Os dois olharam interessadamente na direção da entrada da localidade. O criado desfez-se feito fantasma na escuridão.

– Talvez seja algum de meus vizinhos chegando de uma viagem longa e buscando algum lugar para descansar – opinou o nobre, enquanto o criado retornava das sombras, as trompas soando bem em seus calcanhares. – Então? Quem é essa gente?

Esbaforido, o criado ainda gesticulou por uns instantes, pedindo que o nobre esperasse até que recuperasse o fôlego.

– São comediantes, meu senhor – respondeu por fim. – Buscam serviço.

O nobre sorriu.

– Pois vá até eles e diga que se aproximem – ordenou. Mais uma vez o criado se afastou, retornando minutos mais tarde com um grupo de homens cujas vestimentas multicoloridas e espalhafatosas retratavam à perfeição o ofício a que se dedicavam. Saltimbancos, artistas itinerantes que se amontoavam em duas balouçantes e igualmente enfeitadas carroças e em pelo menos dois burricos. Inclinaram-se reverenciosamente, e no momento seguinte o nobre perguntou: – Acaso buscam abrigo?

O mais velho, um homem excepcionalmente alto com ralos cabelos brancos, respondeu:

– Se Vossa Senhoria tiver interesse em nossos serviços...

– Muito me agrada. A bem da verdade, eu já o vi em outra ocasião e muito me agradou o seu trabalho.

– Creio que o senhor se refere ao papel de Soto...

– Exatamente!

– Preciosa lembrança, meu senhor...

– Oportuna, eu diria. Quero dizer, tanto a minha memória quanto a sua aparição.

– A que se refere, posso saber?

– Recebi ainda esta noite em minha casa um nobre a quem muito me agradaria oferecer uma representação...

– Estamos inteiramente à sua disposição.

– Ah, não se apresse, meu bom homem. O nobre em questão nunca assistiu a uma peça, e temo que o comportamento dele possa se mostrar tão inusitado que tanto você quanto seus companheiros acabem não resistindo e rindo dele, o que pode levá-lo sabe-se lá a quais reações.

– Não se preocupe, meu senhor. Mesmo que seu hóspede se mostre a criatura mais ridícula do mundo, asseguro-lhe que saberemos nos controlar.

Levando adiante as tratativas para se divertir à custa do pobre Sly, o nobre ordenou ao jovem criado que acompanhasse os comediantes e abrisse a despensa do castelo à fome e às outras necessidades do grupo, fossem quais fossem. Em seguida, orientou-o a encontrar um dos pajens, Bartolomeu, e vesti-lo de mulher.

– Leve-o ao quarto de nosso “hóspede” e diga-lhe para não sair do lado dele – continuou. – Ah! Em momento algum deixem de chamá-lo de “senhora”. Obedeçam-lhe como se senhora, a mulher daquele bêbado, ele fosse. Aliás, diga-lhe que, assim que Sly abrir os olhos, eu o quero cobrindo-o de beijos e carinhos, comportando-se como se mulher dele realmente fosse e não permitindo que duvide disso, mas, bem ao contrário, convencendo-o de que é a sua amada esposa e que ele é efetivamente um nobre que acolhi em meu castelo. Assim o faça e se comporte, e eu saberei ser extremamente generoso em momento oportuno.

Assim ordenou, e a seu modo e do seu jeito tudo foi feito. Tanto fizeram e se mostraram de tal maneira convincentes que a criada-gem do castelo, mesmo se controlando a grande custo para não rir, por fim conseguiu convencer o pobre beberrão de que era um nobre. Redemoinhavam em torno dele, oferecendo-lhe tudo o que desejasse, conduzindo-o reverenciosamente pelos corredores e escadarias e finalmente introduzindo-o no mais amplo e luxuoso dos quartos do nobre, mesmo não sendo tarefa das mais simples, pois volta e meia, em laivos cada vez mais raros de consciência, Sly protestava:

– Parem de me tratar dessa maneira! Não sou lorde de coisa nenhuma, mas somente um homem que tem apenas as roupas do corpo, e não tantas a ponto de vocês ficarem me perguntando quais quero usar hoje!